

Interação de Crianças com Autismo e Seus Irmãos: Desenvolvimento ao Longo de 12 Meses

Sibling Interaction of Children with Autism: Development Over 12 Months

Journal of Autism and Developmental Disorders, Vol. 37, No. 10, 2007.

Fiona Knott

Charlie Lewis

Tim Williams

Resumo e Comentário por Dra. Rosa Magaly Morais e Rebeca Costa e Silva

A comunidade científica está constantemente em busca de explicações para o autismo, e tem avançado nas pesquisas para entender cada vez mais esse enigma. Dentre os aspectos mais intrigantes e marcantes que caracterizam esse Transtorno (Transtorno do Espectro Autista/TEA) está o comprometimento social, e interligado aos outros comprometimentos característicos do autismo: a comunicação e a imaginação. Algumas propostas para tentar explicar os elementos relacionados ao desenvolvimento social no TEA são a Teoria da Mente [1] e Coerência Central [2].

Sabe-se que a interação social de crianças (com ou sem autismo) não ocorre sem a exposição a experiências sociais adequadas, e por isso seria interessante estudá-la em seu contexto natural. No entanto, há incongruências entre conceitos envolvidos em pesquisas experimentais (ambiente artificial) e naturalística (ambiente utilizado neste estudo).

Um aspecto que vem sendo reconhecido como crucial no desenvolvimento da criança com autismo é a imitação. Em crianças com desenvolvimento normotípico, desde a sexta semana de vida, a imitação facilita a comunicação e propicia uma base para interações sociais com seus pares. Ao pensarmos que a imitação é a base para o desenvolvimento de habilidades em crianças normotípicas, então dever-se-ia examiná-la nos contextos de relações sociais em que ocorre. E ainda, estudos anteriores sugerem que os comprometimentos na imitação em indivíduos com TEA, não podem ser explicados plenamente por atrasos no desenvolvimento ou comprometimentos motores. Em ambiente artificial (laboratorial), a imitação quando avaliada pode não representar com êxito eventos e situações da vida real em que há um modelo para imitação. Alguns estudos demonstraram que indivíduos com TEA não foram diferenciados de outros indivíduos do grupo controle com a mesma idade mental quando foi solicitada a imitação, não obstante, foi observado também que crianças com autismo imitam espontaneamente com menos frequência do que crianças normotípicas.

No caso de irmãos normotípicos (duas ou mais crianças normotípicas), seu relacionamento peculiar permite uma forma própria de intimidade e frequência de interação. Este relacionamento é a base para o desenvolvimento de inúmeras habilidades para ambos. A interação entre irmãos consiste de papéis recíprocos e assimétricos (como professor e aluno), que possibilitam que as crianças desempenhem papéis

familiares e aprendam novas habilidades. Irmãos mais velhos são responsáveis pela maioria das iniciações enquanto as crianças mais novas mantêm a interação respondendo de forma positiva a iniciações prósociais e submetendo-se ao comportamento agonístico (resposta emitida em situações de luta ou ameaça. Pode ser representada por agressão, defesa ou evitação). Desde o primeiro ano e meio de vida as crianças mais novas imitam seus irmãos mais velhos em proporção muito maior do que são imitadas, mas com o decorrer do tempo a imitação entre irmãos diminui e o relacionamento entre irmãos [normotípicos] torna-se mais simétrico.

Embora existam diversos estudos sobre o relacionamento entre irmãos normotípicos, não é o mesmo sobre o relacionamento entre irmãos onde uma criança tem comprometimentos, como o autismo. No entanto, alguns estudos existentes observaram que a relação entre os últimos há uma clara assimetria nos papéis desempenhados pelos irmãos e aqueles com algum TEA desempenham o papel correspondente ao do irmão mais novo (como foi descrito acima) independentemente de sua ordem de nascença. Portanto, crianças com TEA podem participar em interações recíprocas com seus irmãos através de um processo em que o irmão normotípico modula e apoia a interação.

Visto que os comprometimentos no afeto e brincar simbólico têm sido observados com persistência em crianças com autismo, este estudo explora se a interação entre duplas de irmãos, sendo uma delas uma criança com autismo ficará mais assimétrica com o decorrer do tempo (pois no caso de irmãos normotípicos estudos observam que com o decorrer do tempo a relação entre os mesmos fica cada vez mais igualitária).

Este estudo é uma continuação de um primeiro estudo que ocorreu há 12 meses. Embora a amostra seja relativamente pequena ($n=16$), esses dados representam 48 horas de observação. Nenhuma das crianças com TEA estavam envolvidas em qualquer tipo de terapia a não ser aquela já oferecida pela escola, então qualquer mudança pode ser atribuída a tendências de desenvolvimento e não a efeitos de intervenção. As interações foram analisadas através do exame das iniciações e respostas. Foram elaboradas as seguintes questões sobre as duplas onde uma das crianças tinha retardo mental:

1. O número de ocorrências de interação entre as duplas de irmãos aumentou no decorrer dos 12 meses?
2. As respostas a iniciações mudaram ao longo dos 12 meses?
3. Há alguma mudança na proporção (por hora) de imitação no decorrer do tempo?

Na primeira fase do estudo, 30 pares de irmãos foram recrutados da Sociedade Nacional do Autismo (*National Autistic Society*), da Associação de Síndrome de Down (*Down's Syndrome Association*) e de escolas locais.

Onze das 15 famílias com uma criança com TEA foram convidadas para participar do estudo. Seis delas consentiram em participar. Treze das 15 famílias com uma criança com síndrome de Down foram convidadas, e onze concordaram em participar.

Seis pares de irmãos sendo um normotípico e o outro com autismo, e 10 pares de irmãos sendo um normotípico e outro portador da síndrome de Down, participaram do primeiro e do segundo estudo. Todas as crianças com autismo eram meninos e o

gênero das crianças com síndrome de Down estava distribuído igualmente (cinco meninos e cinco meninas).[\[3\]](#)[\[4\]](#)

Pediu-se a mãe (a principal cuidadora em todos os casos) que seguisse sua rotina usual o máximo possível. Pediu-se que ela não interagisse com as crianças por iniciativa própria, mas sim, atendesse as crianças, como faria normalmente em outra situação em que interagissem com ela. Foi dito às crianças que uma observadora (a mesma observadora de ambos os estudos) iria visitar sua mãe e que teriam a liberdade de fazer o que quisessem. Poderiam, portanto, ficar em casar ou no jardim. Se indagassem a mãe ou a observadora se deveriam estar brincando, elas responderiam que, 'Vocês é quem sabem, simplesmente façam o que normalmente estariam fazendo nesta hora?.

Os dados obtidos através desse estudo permitem uma breve análise do *desenvolvimento da interação social em crianças com autismo e síndrome de Down em um período de 12 meses*.

Embora as amostras (deste estudo e de seu antecessor) sejam pequenas, elas nos possibilitaram observar os efeitos e diferenças entre os grupos ao decorrer do tempo.

De modo geral, houve alterações na quantidade e proporção das iniciações prósociais e agonísticas, bem como o padrão de respostas ao longo desse período de tempo. E em ambos os perfis das duplas houve algum aumento na proporção de iniciações (embora esse aumento para as crianças com autismo não seja estatisticamente significativo, isso nos mostra que as crianças com autismo não foram estáticas). Um olhar mais de perto nos padrões de iniciações sugere que os mesmos sofreram influência dos irmãos normotípicos, pois aumentaram drasticamente seu número de iniciações em relação ao primeiro período de observação. As crianças com autismo imitaram espontaneamente com menos frequência do que as crianças com síndrome de Down ou irmãos normotípicos. A ocorrência de imitação nos dois tipos de duplas aumentou, mas isso se deve ao grande aumento de imitação por parte das crianças normotípicas (nas duplas com uma criança com síndrome de Down, a criança com comprometimento, na maioria das vezes, imitava os seus irmãos normotípicos, e nas outras duplas com uma criança com autismo, era o irmão normotípico que imitava com mais frequência). Outro aspecto interessante é que embora não tão frequente como em crianças e irmãos normotípicos, as crianças com autismo deste estudo imitaram em dobro seus irmãos normotípicos em relação ao primeiro estudo. As crianças com autismo tinham uma idade de desenvolvimento de aproximadamente quatro anos, idade em que a frequência de imitação crianças normotípicas está ao seu máximo.

Por fim, esses dados mostram que apesar dos comprometimentos sociais que podem dificultar o brincar e a interação com elas, as crianças com autismo demonstram habilidades (embora limitadas) para interagirem com seus irmãos, e através da reciprocidade dos mesmos (irmãos normotípicos) pode haver um aumento na interação da criança com autismo. Intervenções para aumentar as habilidades sociais de crianças com autismo certamente deveriam embasar-se no relacionamento das mesmas com seus irmãos, pois é um relacionamento rico e frutífero.

[\[1\]](#) A Teoria da Mente? refere-se à habilidade de inferir o que os outros pensam (crenças, desejos) com o objetivo de explicar ou prever os seus comportamentos. S.

Baron-Cohen, A.M. Leslie, e U. Frith, 1985; Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf> Acessado em: 14/07/2009 às 13:45.

[2] Coerência Central refere-se ao estilo de processamento de informações, especificamente, a tendência de processar informações dentro do seu contexto. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/autismo.pdf> Acessado em: 14/07/2009 às 13:49

[3] Instrumentos utilizados para mensurar os quocientes de desenvolvimento das crianças com autismo e síndrome de Down:

- Weschler Intelligence Scale for Children;
- Merrill Palmer Scale of Mental Tests; ou
- Bayley Scale of Infant Development.

[4] A avaliação dos sujeitos do estudo foi feita baseada no sistema de Abramovitch et al. (1987):

*Doze comportamentos prósociais (dar/compartilhar um objeto, cooperar/ajudar, pedir, elogiar/aprovação, confortar/ressegurar, afeto físico, rir/sorrir, aproximar, competir, brincar, estabelecer regras, estabelecer papéis) e 10 comportamentos agonísticos/combativos (agressão física, disputar objetos, mandar, ameaçar, mandar com razão, delimitação de espaços, repetir ordens dos pais, fala competitiva, subornar/negociar e provocação física) foram utilizados para classificar iniciações de interações. Seis respostas a iniciações foram classificados também: (prósocial: positivo, negativo ou nulo [nenhuma mudança observável no comportamento]; agonística; submissão, rebater/revidar ou nulo). A categoria final, **imitação**, também foi incluída, porém não foi classificada como iniciação ou resposta.*